

Samambaia quer vida calma

Uma nova cidade-satélite para abrigar 300 mil pessoas. Esse é o futuro previsto para Samambaia, onde 780 lotes já foram vendidos, nas oito licitações promovidas pela Terracap, desde a implantação do projeto, em 1984. Hoje, a área já conta com luz e água, mas carece de praticamente tudo que caracteriza uma cidade. As cerca de 50 famílias que habitam a área, no entanto, estão satisfeitas e não trocam Samambaia pelo local que moravam anteriormente.

Um lote na área custa hoje, segundo os moradores, cerca de Cz\$ 40 mil. A grande vantagem, para eles, é que podem construir a casa da maneira que preferem, e ainda contam com uma tranquilidade que esperam continuar dispondo mesmo depois que o restante da população chegar. "Aqui é o lugar que sempre sonhei. Meus filhos brincam na rua com liberdade", disse Edlen Alves Souza, funcionária pública, que mudou para Samambaia com seu marido e dois filhos há dois meses. Ela conta que comprou o lote por Cz\$ 30 mil. Por enquanto, moram num pequeno barraco, mas já estão comprando o material para a construção da casa.

SOLIDARIEDADE

Edlen Souza, entusiasmada, diz que, apesar das dificuldades e distância das escolas, hospitais e comércio, não se sente sozinha ali. O melhor de Samambaia, segundo ela, é a solidariedade entre os moradores, os poucos que já se aventuraram a

mudar para a área. "Toda vez que alguém vai para a cidade de carro passa oferecendo se queremos alguma coisa". Ela diz que concorda que os lotes restantes sejam vendidos à população carente da Ceilândia, porém com a ressalva de que o plano inicial, de fazer de Samambaia uma cidade-satélite tranquila, seja preservado.

Samambaia conta também com transporte. Os ônibus passam em três horários diários (7h30, 12h20 e 18h20). Não existem pontos de ônibus. Segundo os moradores, eles param onde precisam e depois no centro de Taguatinga. "Samambaia é uma realidade em fase de implantação que vai contribuir para minimizar o déficit de habitações no Distrito Federal", revelou o assessor de imprensa da Terracap, Sergei Studart Quintas. Segundo ele, esse é um projeto autofinanciável, já que com o dinheiro dos lotes vendidos são levantados recursos necessários para implantação de infraestrutura para a venda de outros lotes. Explicou que para a Terracap abrir licitação de um lote é preciso, antes de tudo, dotar o local com infra-estrutura básica — água, luz e via de acesso.

Quanto ao problema de distribuição de lotes aos carentes da Ceilândia, Sergei Quintas alega que essa é uma decisão política que compete ao governo e não à Terracap. Acrescentou que assim que houver a infraestrutura básica nos lotes, e quando o Governo autorizar, nova licitação será aberta. Segun-

do ele, em agosto a Terracap liberou recursos na ordem de Cz\$ 10 milhões para a aquisição de equipamentos de saneamento básico e a construção de subestação de energia elétrica pela CEB, que garantir o abastecimento das comunidades locais.

Uma boa parcela dos 780 lotes vendidos em Samambaia foi adquirido por empresas particulares. É o caso, por exemplo, da Panificadora e Confeitaria Esplanada, que comprou 31 lotes em dois conjuntos residenciais, a Apex-Engenharia Comércio e Indústria, que já tem 47 lotes distribuídos em dois conjuntos e a Agrobela, que adquiriu 25 em um conjunto. Há também os 28 lotes residenciais no conjunto 21, comprados pela Carteira Ipotecária do Clube dos Subtenentes e Sargentos do Exército, que já concluiu a construção das 28 casas, com dois pavimentos e 120 metros quadrados de área construída. O custo total de cada unidade, já comprada por seus respectivos proprietários, é de Cz\$ 211 mil. O financiamento foi feito pela Fundação Habitacional do Exército.

FUNDO DE QUINTAL

Um dos contemplados é o subtenente Agenor Lopes Cunha, que foi para o local, vindo de Taguatinga, no final de agosto, e não pretende mudar dali tão cedo. "Prefiro Samambaia mil vezes mais. Aqui é calmo, além da casa ser muito boa", disse.

Acrescentou que se aborrece apenas com a poeira e a falta de telefone. Para ele, a intenção de vender os lotes a baixo custo para a população carente "pode

ser boa, mas não vai funcionar na prática". Segundo o subtenente, dificilmente as pessoas que mudarem para lá, nessas condições terão como construir suas casas, já que o material de construção é caro. "Vão acabar tendo que vender os lotes para outros".

Apesar da controvérsia em torno do destino dos lotes restantes, é certo que a população carente da Ceilândia, "os moradores de fundo de quintal", como se auto-intitulam, querem que Samambaia seja um projeto social para atender aos mais carentes e não à classe média o que, segundo eles, é o que tem ocorrido. As Associações de Moradores da Ceilândia e Taguatinga já organizaram passeatas pressionando o Governo para que os lotes sejam vendidos a preços acessíveis. O Governo prometeu que em breve uma solução para o caso será anunciada, mas não antes de um estudo minucioso.

O administrador da Ceilândia, Ilton Ferreira, afirmou que está aguardando posição do GDF a respeito. Segundo ele, a solução para o caso não é simples já que não basta a intenção do governador em resolver o problema de habitação. Há, a seu ver, uma outra questão, igualmente importante: é o cuidado para que não haja incentivo à migração. Segundo o administrador, quando da distribuição dos 5 mil 375 lotes na área de expansão do Setor O, vieram pessoas de todo o País na expectativa de também receber um.